

## Editorial vol. 36 n. 3: “Temporalidades enredadas no Sul Global”<sup>1</sup>

Esta edição da *Contracampo* celebra o 20º aniversário da nossa revista, bem como do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Ele traz um dossiê sobre temporalidades, especificamente discutindo as geografias do tempo no chamado “Sul Global”. Uma questão muito importante, sugerimos, não só porque nos obriga a olhar e discutir as experiências de ser e viver no nosso mundo atual a partir da perspectiva de uma certa disputa, distribuição e negociação de poder, mas também, e principalmente, porque conecta esta questão à ideia de que a mídia – ou talvez devêssemos dizer, a paisagem midiática – é a principal responsável por (re)produzir tais disputas. O grande número de artigos submetidos a esta edição reforça a sua relevância e a fim de corroborar esta ideia, decidimos lançar 2 (duas) edições separadas: a atual (volume 36, número 3) e a próxima edição (volume 37, número 1).

Em primeiro lugar, gostaríamos de sugerir que o termo Sul Global deve ser entendido aqui como constitutivo de temporalidades enredadas e, portanto, pensado menos como uma categoria correspondente a um espaço físico definido, e mais como uma localidade “ex-cêntrica” (COMAROFF, 2012) que desafia uma “(des)ordem mundial” (LEVANDER & MIGNOLO, 2011). Em outras palavras, é o sentido do Sul Global como uma localidade expandida que é aqui reconhecida e assumida como fundamental para entendermos que o próprio tempo é muito mais uma questão de enredamentos, do que de modelos específicos, estabelecidos e fixos.

Como Arjun Appadurai aponta em seu estudo pioneiro *As Dimensões Culturais da Globalização*, a dinâmica forçada da globalização exige hoje um “trabalho de imaginação” (1996, p. 4ff) a

---

<sup>1</sup> Este texto é o resultado de um projeto de pesquisa colaborativo, intitulado “Temporalidades Enredadas no Sul Global”, desenvolvido na Universidade de Tübingen. Os autores agradecem a Gabriele Alex, Susanne Goumegou e Russell West-Pavlov pelas frutíferas discussões acerca das questões aqui apresentadas.

fim de lidar com o impacto das formas de mediação, mobilidade e trabalho desterritorializado sobre nossas experiências de vida e localidade em um mundo profundamente marcado por desigualdades geopolíticas. Neste dossiê da *Contracampo* e na próxima edição propomos abordar esse trabalho da imaginação, com foco no papel do tempo no Sul Global no cerne das complexas conjunções e disjunções de etnopaisagens, midiapaisagens, financiopaisagens, tecnopaisagens e ideopaisagens descritas por Appadurai. Como uma categoria, o tempo refere-se a múltiplos níveis de fenômenos sociais. O tempo impõe disciplina e rotinas às pessoas para que elas possam viver de acordo com o papel que lhes foi atribuído pela ordem política e econômica dominante, tendo também um impacto determinante em suas vidas diárias. Além disso, o tempo é a pista para imaginar o passado e o futuro (APPADURAI, 2013) e pode ser um poderoso recurso para criar janelas de tempo que resistam à ordem dominante. Por fim, o tempo é crucial nas formas pelas quais a diferença foi e está sendo construída num contexto geopolítico. Assim, noções de temporalidade relacionando modernidade e progresso a estratégias de alterização cultural são abundantes no Ocidente e foram amplamente combatidas e criticadas no Sul.

Embora todas essas diferentes noções girem em torno do tempo como uma categoria na teoria social e cultural, curiosamente a teoria social favoreceu principalmente metáforas espaciais na procura por uma terminologia que lide com a diferença geopolítica – os Trópicos, o Terceiro Mundo, Países Emergentes, o Sul Global. A grande vantagem de construir o Sul em termos de tempo-paisagens é que esta mudança semântica permite uma noção mais flexível e menos essencializada de enredamento do que o espaço. Todos nós participamos de diferentes regimes de temporalidade ao mesmo tempo e somos extremamente competentes em trocar de papéis de acordo com o contexto. Em contraste com o lugar, que ainda sugere uma ideia de algo fixo, “ser” em termos de tempo só pode ser entendido como um devir e como uma sobreposição. Esta simples mudança semântica, a vasta gama de aspectos incluídos e o enraizamento do tempo em estruturas de poder faz da temporalidade um instrumento muito eficaz para entender a desigualdade em termos geopolíticos. Desta forma, “tempo-paisagens” parece ser uma adição perfeita ao modelo heurístico de paisagens de Appadurai a fim de entender como as pessoas estão expostas a e agem sobre os múltiplos e divergentes regimes de temporalidade no cerne das conjunções e disjunções do nosso mundo globalizado.

Uma compreensão das tempo-paisagens globalizadas inevitavelmente aponta para as noções de compressão do tempo-espço (HARVEY, 1989) e a conseqüente aceleração da vida quotidiana (ROSA, 2006) que são impostas de maneira desigual em todo o mundo como parte da globalização econômica. Embora exista ampla evidência no nível macro, um olhar mais atento a configurações no Sul Global pode revelar um cenário muito mais diversificado. Por exemplo, enquanto as elites abastadas retiram parte do seu poder social das maneiras pelas quais elas são capazes de mover-se livremente e sem demora por diferentes tempo-paisagens, o mesmo mundo de fluxos significa para os trabalhadores transmigrantes no Sul Global jornadas longas e perigosas a fim de transpor a distância entre casa e local de trabalho. Aceleração, contenção e exclusão, portanto, trabalham de mãos dadas neste contexto. Como previsto por Paul Virilio (1984), a velocidade se tornou um dos princípios em torno dos quais o poder se organiza nas sociedades contemporâneas e, para grupos subalternos, há apenas um acesso restrito a esses recursos. Esta ideia é reforçada ainda mais pela introdução das transações econômicas em tempo real que transcendem compreensões antropocêntricas de tempo e mantêm grande parte do Sul Global em uma posição de objeto devido ao *gap* digital.

Seria enganoso, contudo, simplesmente aplicar o aparato heurístico das grandes teorias eurocêntricas do tempo moderno para explicar o complexo funcionamento do tempo nas sociedades do Sul Global. Tal como já foi referido por Néstor García Canclini acerca das culturas híbridas na América Latina, o projeto de modernização foi implementado apenas de forma fragmentada fora dos centros da Euro-America. Os regimes de temporalidade da economia globalizada não são exceção a esta regra. Assim, o alcance do tempo digital secularizado compete com diferentes regimes de temporalidade que derivam das profundas estruturas da colonialidade, estão relacionados a persistentes noções de religiosidade, articulam saberes não europeus de tempo ou estão profundamente enraizados no tempo natural. Neste sentido, os atores sociais no Sul Global geralmente têm que transitar entre regimes temporais com diferentes exigências e desenvolver táticas de improvisação nesses ambientes. Seguindo a noção de Achille Mbembe de "tempo do enredamento" em seu ensaio pioneiro *On the Postcolony* (2001) – que apresentamos como uma introdução a este dossiê, – as paisagens temporais do Sul Global podem ser descritas em termos de temporalidades enredadas multicamadas. Além disso,

há o constante desafio para os atores sociais de dar sentido a essas tempo-paisagens heterogêneas cujas incongruências resultam de estruturas de poder desiguais e falta de potencial para a autodeterminação.

O modo como o tempo é vivenciado e negociado por atores sociais, portanto, difere muito no que diz respeito aos contextos culturais, geográficos e situacionais. O tempo pode ser entendido como um produto das práticas comunicativas que exprimem certas competências (interculturais) em nome dos atores sociais, chamadas de “aprendizagem do tempo” pelo psicólogo social Robert Levine. Levine decidiu explorar a experiência do tempo de forma intercultural e comparativa em seu ensaio *A Geography of Time* (1997), a partir de observação participante feita durante uma longa estadia na Universidade Federal Fluminense em 1970. Sua pesquisa sobre o ritmo de vida, a experiência de duração e questões relacionadas com a micropolítica temporal utiliza voluntariamente um tom irônico, reminescente da tradição do viajante euro-americano a fim de desconstruir levemente sua autoridade sobre a experiência do tempo em “outras” culturas. Sua “geografia do tempo” aponta, portanto, para a difícil questão da geopolítica do conhecimento que qualquer tentativa de alcançar afirmações teóricas e universais sobre o tempo terá de enfrentar.

Uma geografia do tempo no contexto dos Estudos do Sul Global, portanto, deve ser particularmente sensível à localização do seu ponto de vista, mas também às principais críticas que a Teoria Pós-Colonial e a Teoria do Sul apresentaram contra as afirmações universalistas da teoria do tempo europeia. O que é significativo sobre a Teoria do Sul é que ela evita as formas de essencialismo geográfico (MARSHALL, 2015; SPARKE, 2007) ainda hoje presentes em noções de descolonização “arrastada” (JEYIFO, 1990) ou “desenvolvimento estagnado” (LEONARD & STRAUS, 2003). Tendo em conta os debates que devastaram a natureza aporética do termo “Sul” em si (ver, por exemplo, Comaroff & Comaroff, 2014) o paradigma alternativo de temporalidade, apesar de não evitar a espacialidade e a geografia, pode oferecer uma outra maneira de continuar o estudo do Sul Global evitando algumas das armadilhas do termo.

O tempo tem sido uma importante categoria na construção do Outro em termos geopolíticos a partir de noções aristotélicas de Trópicos em diante – uma ideia, que foi central nas formas pelas quais o Iluminismo concebeu o Sul como sendo desprovido de historicidade

(HEGEL, 1961, p. 163). A separação e conseqüente reificação do Iluminismo, hipóstase e comodificação do tempo-espaço (GIDDENS, 1990, p.19-21), e o poderoso trabalho de tais instrumentos temporais tais como tempo-trabalho (THOMPSON, 1967) lançou as bases para categorias temporais como “modernidade”, “desenvolvimento” e “progresso” (por exemplo, ODHIAMBO, 2005). Por uma ironia da história, as noções universalistas de tempo retornam, mais recentemente, aos imaginários apocalípticos da futura devastação ecológica (HOPE, 2011; STREECK, 2014). Essas noções do Sul como delegado a um lugar diferente na história sempre encobriram concepções de superioridade do “avançado” e “desenvolvido” Ocidente. A principal entre estas preocupações é, obviamente, a teleologia cronológica inerente ao primitivismo pelo qual a antropologia ocidental definiu o Ocidente face aos Outros não ocidentais, imaginados como vestígios do passado da humanidade (FABIAN, 1983). Muito do conhecimento ocidental desde a modernidade foi expresso com a ajuda de noções temporais de progresso de vanguarda e a rejeição de tradições retrógradas e intemporalidade, de acordo com um modelo aditivo de aquisição de conhecimento (BENJAMIN, 2010).

É, portanto, de crucial importância não reduzir as temporalidades enredadas do Sul Global simplesmente a reações a uma imposição falha e fragmentada das dinâmicas ocidentais de modernização. Em vez disso, essas temporalidades devem ser entendidas em si mesmas como constitutivas do “tempo vivido” no Sul Global apontando para uma compreensão do tempo fundamentada e orientada para o sujeito, desenvolvida com base no conceito de Bergson de “durée” (BERGSON, 1889), de “tempo experimentado” com foco no sujeito (MBEMBE, 2000; SHARMA, 2014) ou ainda de conceitos “performativos” (em oposição a “pedagógicos”) de temporalidade (BHABHA, 1994).

Teorias temporais baseadas exclusivamente na modernidade euro-americana e seu paradigma de tempo vazio e homogêneo (BENJAMIN, 1999, p. 252-3), a unificação do tempo global e a logisticalização do espaço global capitalista (HOM, 2010; THRIFT, 2008; WEST-PAVLOV, 2013), a produção de uma “compressão espaço-tempo” global (HARVEY, 1989) ou de aceleração e retração do tempo global (ROSA, 2006, 2013) são muito limitadas para dar conta das “tempo-paisagens” do Sul Global. Elas assumem uma falsa universalidade e uma “cegueira temporal” característica da homogeneização do tempo (BIRTH, 2017) negligenciando, assim, a “heterogeneidade multitemporal” (GARCÍA CANCLINI et al, 1995) que mais propriamente caracteriza o Sul. Há

razões éticas decisivas para voltar nosso olhar em direção ao Sul. Tornou-se claro que conceitos de tempo, longe de ser uma questão filosófica abstrata distante das práticas do mundo real, têm sido um dos fatores fundamentais na conquista do planeta e na destruição da biosfera global (GALISON, 2003; KERN, 1983); a importância de estudos da temporalidade, à luz da contração dos futuros planetários da população global (FRIEDRICH et.al. 2016; LENTON et.al. 2008; SCHEFFERS et.al., 2016) e horizontes de retrocesso de esperança política, não pode ser subestimada. Nesse contexto, temporalidades “alternativas” e “heterogêneas” encontradas no Sul Global podem abrigar perspectivas futuras (GOLDSTONE & OBARRIO, 2017; HEIDENREICH & O'TOOLE, 2016; MBEMBE, 2013; PIOT, 2010; WEISS, 2014; WEST-PAVLOV, 2014) de vital significância para a totalidade da política planetária.

Uma análise das temporalidades do Sul Global deve manter em mente, por um lado, a natureza universal das temporalidades globalizantes, embora, por outro lado, observando que estas têm efeito no Sul Global em diálogo com temporalidades autóctones de maneiras muito distintas e diversas. Assim, os fenômenos aparentemente onipresentes de aceleração temporal e o desaparecimento do tempo e futuridade reivindicados por Rosa (2006) assumem uma aparência diferente em um Sul Global dominado pela imposição de regimes exógenos de tempo e imperativos de precariedade e de contingência (APPADURAI, 1996; MBEMBE, 2000; SIMONE, 2001). Os regimes temporais forçadamente impostos do capitalismo globalizado estão sem dúvida presentes no Sul, mas eles se fundem com formas divergentes de temporalidade, cuja persistência e resiliência determinaram as suas formas emergentes ao longo do período de colonização e neo-colonização (ANOZIE, 1981, p. 50-61; HOBBSAWN & RANGER, 1983; HITCHCOCK, 2009; MBITI, 1969; MBEMBE, 2000; RETTOVÁ, 2016).

Daí a importância crescente de trazer para o primeiro plano teórico abordagens às temporalidades do Sul Global que se originam no próprio Sul, desde “heterogeneidade multitemporal” (GARCÍA CANCLINI et. al., 1995), “temporalidades múltiplas” (SIMONE, 2004, p. 241), “temporalidades plurais” (CHAKRABARTY, 2000, p.109), passando por “temporalidades enredadas” (ADESANMI, 2004; MBEMBE, 2000) até “a não sincronidade do sincrônico” (RINCÓN, 1995, invertendo a famosa formulação de Bloch). Tais conceitos oferecem uma fundamentação subjacente para macro investigações no nível das “histórias enredadas” (WERNER & ZIMMERMANN, 2002).

## **A Produção Social de Temporalidades Enredadas**

As duas edições especiais da *Contracampo* irão abordar os complexos regimes de temporalidade no Sul Global em sua relação com as práticas sociais e imaginários culturais que são constitutivos da produção do tempo em contextos concretos locais. Não pretendemos estabelecer outra grande narrativa sobre os efeitos na vida social resultante da dinâmica de modernização e globalização no Sul Global. Em vez disso, nossos colaboradores direcionam um olhar microscópico sobre regimes temporais muitas vezes conflitantes e sobrepostos encontrados por esses atores sociais e textos culturais em configurações complexas e paradigmáticas, explorando a forma como essas dinâmicas se refletem e são moldadas nos textos culturais e midiáticos.

Portanto, não é a categoria analítica do tempo vazio e abstrato da modernidade a base do nosso empreendimento. Acima de tudo, porém, entendemos o tempo como o produto das práticas sociais (Elias, 1984). A temporalidade pode ser entendida, portanto, seguindo os conceitos de um “trabalho do/no tempo” (BEAR, 2014), um “criar o tempo” (ANOZIE, 1981, p. 60) ou um “fazer o tempo” (FELSKI, 2000), como o resultado da produção social, de acordo com a qual os níveis de estrutura e agência se entrelaçam e apoiam o conceito de sujeito como uma entidade sociocultural (MBEMBE, 2000; RECKWITZ, 2006). De acordo com a compreensão de Giddens de recursividade, as relações temporais no Sul Global (e noutros locais) aparecem, por um lado, como o produto de políticas temporais que moldam o sujeito e, por outro lado, como o resultado de práticas sociais e culturais em nível coletivo. Para uma maior precisão analítica, a produção social de enredamentos temporais pode ser descrita como uma estratificação de três níveis distintos mas complementares:

**As políticas temporais** representam as abordagens estratégicas e estruturais para a organização do tempo social, b) **as práticas temporais** revelam como o sujeito se posiciona taticamente frente a essas estruturas e c) os **imaginários temporais** demonstram como as sociedades produzem sentido de regimes de tempo enredados e conflitivos nos textos culturais.

A noção de **políticas temporais** baseia-se em noções foucaultianas de tempo disciplinar (1975, 1991), por exemplo, no contexto do trabalho assalariado ou técnicas institucionais de subjetivação na escola e no exército e sua extensão a regimes

temporais de exploração colonial (temporalidades escravas, temporalidades das lavouras ou “Tempo Kafir”, veja Atkins 1988; Johnson, 2000). A sua dimensão sistêmica não pode ser totalmente compreendida sem considerar como a mídia moderna e a tecnologia (LANDES, 1983) trabalham para comunicar o tempo e exercer um efeito disciplinar sobre o sujeito. Nesse contexto, não é só a relação entre sujeito e comunidade que é considerada recursiva (GIDDENS, 1984), mas também a relação entre temporalidade e subjetividade. Se temporalidade é, portanto, considerada um produto das práticas sociais, o sujeito implicado nessas práticas só pode ser compreendido na dimensão da temporalidade (MBEMBE, 2000). Essa recursividade do sujeito e do tempo leva a duas abordagens complementares e de crucial importância para o nosso esforço. Segundo abordagens sociocêntricas, as instituições sociais do tempo exercem coerção externa e ao mesmo tempo fornecem um “aparato de auto-coerção” (ELIAS, 1984). Seguindo Foucault, o tempo produz efeitos subjetivantes em termos do senso de disciplina e auto-orientação (FOUCAULT, 1975, 1991). Ao contrário, abordagens centradas no sujeito reforçam a importância de formas autônomas e societárias de “tempo vivido” que resultam da dissociação de forças temporais de sincronização. Neste último sentido, alternativas desocidentalizadas ao conceito de “Eigenzeit” (“tempo subjetivo”, Nowotny, 1989) devem ser desenvolvidas para dar conta das formas como as práticas temporais do Sul Global espelham, refratam ou perturbam os discursos ocidentais de subjetividade. Em contextos que são, em amplas camadas do Sul Global, moldados pela precariedade, informalidade e aceleração (SIMONE, 2010), é particularmente importante investigar quais repertórios de práticas temporais de resiliência ou de resistência à sincronização temporal estão disponíveis aos “sujeitos temporais”. Isso se verifica na configuração do tempo do cotidiano, especialmente no ponto de intersecção com a economia “informal” de subsistência e o ambiente de trabalho. No âmbito de uma abordagem orientada para os enredamentos, a questão de uma crescente comodificação da temporalidade — em termos de um economização e consumo dos recursos temporais — desempenha um papel central.

No nível das **práticas temporais**, a temporalidade é produzida de modos que tanto afirmam padrões estruturais e sistêmicos impostos quanto oferecem formas de gestão do tempo de maneiras produtivas, autônomas e resistentes. Ao estudar as práticas diárias no Sul Global, noções de “criar o tempo”(ANOZIE, 1981, p. 60), “improvisado” ou

“bricolagem” social (LÉVI-STRAUSS, 1962) se mostram parte de um repertório de táticas e improvisações (DE CERTEAU, 1980; LEFEBVRE, 1975). Embora estejam enraizadas nas relações dominantes de produção e estruturas de poder, essas formas de práxis oferecem, no entanto, espaço para autoconstrução e subsistência informal. A maneira pela qual o corpo é envolvido em práticas cotidianas ou na experiência da duração ou ritmo refere-se às noções mencionadas acima de tempo vivido (“*temps vécu*”, Mbembe, 2000). É de crucial importância questionar quais esforços de mediação são aplicados pelos sujeitos para rivalizar com ritmos de vida e que “mapas temporais” (GELL, 1992) eles implementam para negociar tais tensões. Quais imaginários de temporalidade os usuários do tempo empregam para responder, de forma produtiva e reflexiva, a regimes de temporalidade em que eles estejam inseridos? Em quais imaginários temporais os sujeitos fundamentam sua agência política? Como são tais imaginários conectados à práxis cotidiana de interação política (LAZAR, 2014)? Como as práticas temporais em si são utilizadas como recursos políticos no debate sobre participação social — por exemplo, sob a forma de recusa e de resistência? Por fim, a dimensão corpórea de tempo vivido é de grande significado nesse contexto: como ritmos corporais e naturais, práticas sociais e políticas temporais interagem uns com os outros? De que maneira os papéis culturais específicos de gênero, etnia, classe, religião e idade — sempre entendidos na perspectiva de sua interseccionalidade — impactam as potenciais formações de temporalidade (FELSKI, 2000)?

Em complemento a estratégias de políticas temporais e a nível tático de práxis cotidiana, os **imaginários temporais** informam o modo como o tempo tem sido concebido e compreendido. Essa categoria tem por base a ideia de imaginários sociais como fundações culturais da estrutura social (CASTORIADIS, 1975, ANDERSON, 1983, TAYLOR, 2004) bem como o conceito de Appadurai de “trabalho da imaginação” citado anteriormente (APPADURAI, 1996). O papel da imaginação temporal é de crucial importância para o nosso contexto, porque a heterogeneidade multitemporal das relações de tempo no Sul Global cria um problema epistemológico fundamental: o engajamento da contingência, fluidez, precariedade e heterogeneidade das estruturas sociais e políticas em práticas cotidianas constantemente desafia os sujeitos a criar uma relação significativa com os regimes dominantes de temporalidade. Isso ocorre através de imaginários que não se limitam à elite cultural e sua capacidade de reflexão, mas como

postulado por Munn (1992, p. 116), pode ser entendido como categorias simbólicas inicialmente baseadas no conhecimento experiencial, isto é, que emergem de práticas cotidianas. Além disso, a circulação, a mediatização e o arquivamento de conhecimento incorporado devem ser situados no nível de imaginários temporais como formas de modelagem estética e simbólica do tempo. O nível dos imaginários temporais requer, portanto, a agregação de diferentes abordagens: a consideração da antropologia cultural de práticas autóctones de imaginação, especialmente no sentido da produção ritualística e incorporação da temporalidade, análises textuais de modelagem simbólica da temporalidade na literatura e produção de mídia e, finalmente, a análise de teorias abstratas do tempo a partir da teoria cultural.

É nesse nível que temporalidades enredadas se conectam com a produção do passado (COMAROFF & COMAROFF, 2012) e a produção do futuro (APPADURAI, 2013). À luz de uma drástica redução de horizontes temporais de futuridade e historicidade no presente, devemos nos perguntar quais futuros utópicos ainda estão sequer disponíveis hoje (SCOTT, 1999, 2004, 2014; MBEMBE, 2000; TITLESTAD, 2014). Ao considerar a dimensão do passado, podemos notar que as questões de identidade na literatura e nos meios de comunicação social estão, em grande medida, vinculadas a seus respectivos modos de moldar a história e às formas como as concepções de história pré-colonial, colonial e pós-colonial, mítica e orientada para o progresso estão a esses modos entrelaçadas. Para grande parte das pessoas no Sul Global, a interação com o passado — por exemplo, no contexto da cultura de memória (comissões da verdade, políticas de restituição) — desempenha um papel importante (COMAROFF & COMAROFF, 2012, p. 133-52) onde as conexões com os interesses atuais e as projeções para o futuro não pode ser negligenciada. No que diz respeito aos *futuros* imaginados no Sul Global, é vital entender quais noções de futuro, relacionadas com esperanças (ORTNER, 2016) e aspirações (APPADURAI, 2013), são possíveis após a crise das utopias de liberação socialista pós-1990 (PIOT, 2010) e em face das precárias condições de vida e ameaças globais. O que a crise de projeções utópicas significa para a agência social (ver, por exemplo, Heidenreich & O'Toole, 2016; Weiss, 2004; West-Pavlov 2014, Lambek 2010)? Quais recursos autóctones para a produção de futuros oferecem possibilidades de agência face a experiências generalizadas de contingência e precariedade? Em outras

palavras, que papel desempenham esses valores e normas, cosmologias e práticas cotidianas, experiências e formas de engajamento com o passado para a conceituação e concepção de um bom futuro (ROBBINS, 2013; DE SOUSA SANTOS, 2014)?

Os artigos contidos neste primeiro dossiê, através de distintas perspectivas, cruzam e complexificam os níveis temporais mencionados acima. Por exemplo, o artigo de Sudesh Mishra, "Sobre o Ato de Observar um Crânio de Touro em um Banco de Bicicleta: Arcaísmos Inovadores", aborda diretamente a questão das temporalidades na Oceania, interrogando como e se as práticas indígenas naquela parte do mundo em específico podem revelar a possibilidade de um futuro ocluído pela longa época da acumulação excedente. Ao argumentar que o futuro co-existe como uma possibilidade impedida no presente, o autor demonstra como o Sul Global da Oceania se transforma em uma região de arcaísmos inovadores, imaginários contra-nacionais, práticas subversivas e formas comunais de ética ecológica.

Susanne Goumegou, em "Ritmos Entrelaçados da Vida em Dakar..." discute, através da literatura, como a descrição das estruturas e funções nas cidades do Sul Global exige categorias não só espaciais mas também temporais. O tempo do capitalismo materializado na circulação de bens de consumo descartáveis é posto em contraste com as noções rituais de tempo entre os moradores da cidade que são apanhados em um processo contínuo de transculturação. Centrando-se na temporalidade, a autora demonstra como Diop consegue integrar em seu retrato de Dakar dimensões históricas bem como enredamentos globais. Também observando a vida cotidiana de uma pequena cidade no sul do Brasil, Renata Pozzo em "A Cotidianidade no Cinema" demonstra como a imagem em movimento, no contexto da chamada "modernidade", torna-se parte da vida diária dos habitantes de Laguna.

Como a questão das temporalidades enredadas está diretamente relacionada com as multiterritorialidades, o artigo escrito por Viviane Borelli e Vinícius Flôres. "Uma Outra Medida do Espaço-Tempo em Mídiação", deve ser entendido como um debate, da perspectiva do digital, da multiterritorialização na região do Rio Negro (Amazonas) e a medida do espaço-tempo dos nativos que, de acordo com os autores, remonta ao período pré-colonial da América do Sul. E em "Temporalidades Múltiplas: análise cultural dos videoclipes e da performance de Figueroas a partir dos mapas das mediações e das

mutações culturais”, Itania Gomes Mota, Thiago dos Santos, Carolina Araújo e Edinaldo Junior Mota articulam os mapas de mediações culturais e mutações no trabalho de um artista brasileiro. A partir de escolhas teórico-metodológicas específicas, o estudo desafia e relata diferentes temporalidades e espacialidades, justapondo matrizes culturais com referências musicais regionais e globais.

De volta à literatura como um recurso que nos ajuda a entender como o tempo e o espaço são instâncias provocativas quando nos referimos ao Sul Global, o artigo de West-Pavlov traz à tona questões relacionadas à pedagogia em rede. Em “O Tempo do Ensino no Sul Global...”, o autor, a partir de uma reflexão sobre a poesia caribenha, contribui substancialmente para a nossa compreensão das interligações entre o tempo e o espaço, que está, de certa forma, no cerne deste dossiê. Todos estes artigos, como sugerimos, auxiliam o leitor a ter um entendimento mais amplo das questões abordadas neste primeira edição especial da *Contracampo*. Para além dos artigos dedicados especificamente ao tema proposto, mas de forma alguma distantes das interligações entre temporalidades enredadas, Sul Global e mídia, outros artigos nesta edição discutem questões a partir da perspectiva do Brasil como parte das “tempo-paisagens” às quais esta edição se dedica.

Em uma perspectiva epistemológica, por exemplo, o artigo escrito por Ângela Cristina Marques e Luiz Sá Martino traz uma intrigante reflexão. Em “Articulações e Tensionamentos do Tempo em Teorias da Comunicação”, os autores levantam a questão da produção do conhecimento, desenvolvendo uma visão específica das potencialidades e limites da presença do tempo em processos comunicativos. A partir da reflexão sobre dimensões temporais em determinadas Teorias de Comunicação, Marques e Martino nos ajudam a entender que o tempo é um componente de distinção em formulações teóricas, apesar de seus aspectos particulares parecerem ser considerados como uma única dimensão entre outras do fenômeno interacional. As perguntas que este fato apresenta, ao pensar desde a perspectiva do Sul Global, cabem a cada um de nós formular. A conexão entre a produção do conhecimento e o poder inscrito na oposição criada entre Sul e Norte é de alguma maneira, até onde compreendemos, um aspecto muito importante no que diz respeito às temporalidades enredadas no Sul Global.

Através deste dossiê e das questões que ele toca, a *Contracampo* também apresenta à comunidade internacional outras práticas midiáticas e fenômenos especificamente relacionados ao contexto brasileiro e suas preocupações. “As ações e organização da comunicação corporativa...”, por exemplo, são observadas e criticadas através das lentes das interações face-a-face. Os biomas do Pantanal e da Amazônia, regiões onde o apelo tecnológico é menos evidente, são parte do artigo de Ana Maria Dantas de Maio, que se concentra na identificação de mediações impostas por esse tipo de ambiente, analisando como esses cenários são construídos e mediados pela mídia. Em “A Internet como um Espaço Moral: uma análise dos ‘ensinamentos’ do Deboísmo”, Henrique Mazetti e Ricardo Gomes da Silva abordam a relação entre mídia e moralidade. Mozahir Salomão Bruck e Rennan Antunes, em “Jornadas e Heróis nos Perfis da Revista Piauí...”, analisando uma revista brasileira que utiliza um tipo especial de jornalismo, propõem uma questão central: como e até que ponto a revista *Piauí* utiliza a estratégia narrativa dos perfis para oferecer ao leitor novos ingredientes e perspectivas tanto sobre a pessoa descrita quanto sobre o contexto e circunstâncias sociais em que estão inseridos? Por fim, Alisson Machado e Sandra Rubia da Silva, em “Lá Eu Posso Ser Mulher: cotidiano e sociabilidade travesti em trajetórias digitais”, utilizam a etnografia na internet para interpretar alguns elementos da sociabilidade travesti a partir de suas práticas de consumo e utilização de tecnologias digitais.

Esta edição e a próxima por vir são parte de (e em certa medida um resultado do) projeto “Culturas Literárias do Sul Global” (DAAD), um projeto de pesquisa desenvolvido pelo PPGCOM/UFF em colaboração com a Eberhard Karls Universidade de Tübingen. Neste sentido, ao lançar essas questões, a *Contracampo* celebra esta valiosa parceria e também o seu 20º aniversário, enfatizando a importância de construir diálogos acadêmicos transnacionais. Gostaríamos de agradecer a toda a equipe, autores e pareceristas envolvidos neste processo. E desejamos sinceramente que todos tenham uma leitura muito agradável e produtiva.

Fernando Resende (Universidade Federal Fluminense) e  
Sebastian Thies (Universidade de Tübingen)

## Bibliografia

ANDERSON, C. (1983): *Imagined communities. Reflections on the origin and spread of nationalism.* London: Verso.

ANOZIE, Sunday O. (1981): *Structural models and African poetics. Towards a pragmatic theory of literature.* London: Routledge & Paul.

APPADURAI, Arjun (1996): *Modernity at large. Cultural dimensions of globalization.* Minneapolis. [u.a.]: UP Minnesota.

APPADURAI, Arjun (2013): *The future as cultural fact. Essays on the global condition.* London: Verso

ATKINS, Keletso E. (1988): 'Kafir Time'. *Preindustrial Temporal Concepts and Labour Discipline in 19th Century Colonial Natal.* In: *Journal of African History* 29 (02), S. 229–244.

BAUMAN, Zygmunt (2007): *Consuming life.* Cambridge: Polity Press.

BEAR, Laura (2014): *Doubt, conflict, mediation: the anthropology of modern time.* In: Laura Bear (Hg.): *Doubt, conflict, mediation. The anthropology of modern time.* Malden, Mass: Wiley, S. 3–30.

BENJAMIN, Walter (2010): *Über den Begriff der Geschichte.* Kritische Gesamtausgabe. Hg. v. Gérard Raulet e.a. Berlin: Suhrkamp (Werke und Nachlaß, Bd. 19).

BERGSON, Henri (1889): *Essai sur les données immédiates de la conscience.* Paris: F. Alcan.

BHABHA, Homi K. (1994): *The location of culture.* London: Routledge.

BIRTH, Kevin K. (2017): *Time Blind. Problems in Perceiving Other Temporalities.* Cham, s.l.: Springer International Publishing.

BLOCH, Ernst (1962): *Erbschaft dieser Zeit.* Frankfurt a.M.: Suhrkamp (Bd. 4).

CASTELLS, Manuel (1996): *The rise of the network society.* Cambridge, Mass, Oxford: Blackwell (The Information Age: Economy, Society and Culture, Vol. 1).

CASTORIADIS, Cornelius (1975): *L' institution imaginaire de la société.* Paris: Ed. du Seuil

CERTEAU, Michel de (1980): *Arts de faire.* Paris: Union Générale d'Éd

CHAKRABARTY, Dipesh (2000): *Provincializing Europe. Postcolonial thought and historical difference.* Princeton, N.J: Princeton: University Press.

CHATTERJEE, Partha (1986): *Nationalist thought and the colonial world.* Hg. v. Université Nations Des Unies. London: Zed books Ltd. for the United Nations University (HSDB, 20).

CHATTERJEE, Partha (2001): The nation in heterogeneous time. In: The Indian Economic & Social History Review 38 (4), S. 399–418.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. (2012): Theory from the South. Or, how Euro-America is evolving toward Africa. Boulder, Colo.: Paradigm Publ (/[Radical imagination]).

CONRAD, Sebastian (2016): What is global history? Princeton: Princeton University Press.

CONRAD, Sebastian; RANDERIA, Shalini; RÖMHILD, Regina (Hg.) (2013): Jenseits des Eurozentrismus. Postkoloniale Perspektiven in den Geschichts- und Kulturwissenschaften. 2., erweiterte Auflage. Frankfurt am Main, New York: Campus Verlag.

CONRAD, Sebastian; SACHSENMAIER, Dominic (2007): Conceptions of world order. Global historical approaches. Frankfurt am Main: Suhrkamp (Arbeiten zur Wissenssoziologie / Norbert Elias, 2).

FABIAN, Johannes (1983): Time and the other. New York: Columbia University Press.

FELSKI, Rita (2000): Doing time. Feminist theory and postmodern culture. New York: New York University Press.

FOUCAULT, Michel (1975): Surveiller et punir. Naissance de la prison. Paris: Gallimard

FOUCAULT, Michel (1994): Des espaces autres. In: Michel Foucault (Hg.): Dits et écrits 1954-1988. S. 752–762.

GALISON, Peter (2003): Einstein's clocks, Poincaré's maps. Empires of time. New York, NY: Norton.

GAMPER, Michael; HÜHN, Helmut (Hg.) (2014): Zeit der Darstellung. Hannover: Wehrhahn,

GANGULY, Keya (2006): Temporality and postcolonial critique. In: Neil Lazarus (Hg.): The Cambridge companion to postcolonial literary studies. Cambridge: UP, S. 162–180.

GARCÍA CANCLINI, Néstor (1995): Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. 2. ed. Buenos Aires: Ed. Sudamericana.

GARCÍA CANCLINI, Néstor (1999): La globalización imaginada. Buenos Aires: Paidós.

GEERTZ, Clifford (1966): Person, time, and conduct in Bali. An essay in cultural analysis. New Haven: Yale UP.

GELL, Alfred (1992): The anthropology of time. Cultural constructions of temporal maps and images. Oxford: Berg (Explorations in anthropology).

GIDDENS, Anthony (1979): Central problems in social theory. Action, structure and contradiction in social analysis. Berkeley, California: University of California Press.

GIDDENS, Anthony (1984): *The constitution of society. Outline of the theory of structuration.* Cambridge: Polity Press.

GUHA, Ranajit (1998): *The Migrant's Time.* In: *Postcolonial Studies* 1 (2), S. 155–160.

HARVEY, David (1989): *The condition of postmodernity.* Oxford: Blackwell.

HEIDENREICH-SELEME, Lien; O'TOOLE, Sean (Hg.) (2016): *African Futures. Thinking about the future through word and image / edited by Lien Heidenreich-Seleme & Sean O'Toole.*

Hook, Derek (2013): *(Post)apartheid conditions. Psychoanalysis and social formation.* Basingstoke: Palgrave Macmillan (Studies in the Psychosocial).

JOHNSON, Walter (2000): *Possible Pasts. Some Speculations on Time, Temporality, and the History of Atlantic Slavery.* In: *Amerikastudien / American Studies* 45 (4), S. 485–499.

LANDES, David S. (2000): *Revolution in time. Clocks and the making of the modern world.* London: Viking.

LEFEBVRE, Henri (1975): *La vie quotidienne dans le monde moderne.* Paris: Gallimard.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1962): *La pensée sauvage.* Paris: Plon.

MARSHALL, Tim; SCARLETT, John (2015): *Prisoners of geography. Ten maps that tell you everything you need to know about global politics.* London: Elliot and Thompson Limited.

MBEMBE, Achille (2001): *On the postcolony.* Berkeley: University of California Press.

MBITI, John S. (1969): *African religions & philosophy.* London [u.a.]: Heinemann.

MICHAEL WERNER, Bénédicte Zimmermann (2006): *Histoire Croisée and the Challenge of Reflexivity.* In: *History and Theory* 45 (1), S. 30–50.

MUDIMBE, Valentin Y. (1988): *The invention of Africa. Gnosis, philosophy, and the order of knowledge.* Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press

MUNN, Nancy D. (1992): *The Cultural Anthropology of Time. A Critical Essay.* In: *Annual Review of Anthropology* 21 (1), S 93–123.

NOWOTNY, Helga (1989): *Eigenzeit. Entstehung und Strukturierung eines Zeitgefühls.* Frankfurt a. M.: Suhrkamp.

NUTTALL, Sarah (2009): *Entanglement. Literary and cultural reflections on post-apartheid.* Johannesburg: Wits Univ. Press.

O'REILLY, Joseph (2004): *Memories in Transition.* In: *Journal of Museum Education* 29 (2-3), S. 12–15.

ORTNER, Sherry B. (2016): Dark anthropology and its others. Theory since the eighties. In: *ha* 6 (1), S. 47–73.

PARRY, Benita (2004): Postcolonial studies. A materialist critique. London: Routledge (Postcolonial literatures).

PERITORE, N. Patrick (1999): Third World environmentalism case studies from the Global South. Gainesville: University Press of Florida.

PIOT, Charles (2010): Nostalgia for the future. West Africa after the Cold War. Chicago, London: University of Chicago Press.

POLET, François (Hg.) (2007): The State of Injustice. Popular Struggles in the Global South. London: Zed. Chicago Press.

POSTONE, Moishe (1993): Time, labor, and social domination. Cambridge [England], New York, NY, USA: Cambridge University Press.

PRATT, Mary Louise (1992): Imperial eyes. Travel writing and transculturation. London: Routledge.

QUIJANO, Anibal (2000): Colonialidad del poder. Eurocentrismo y América Latina. In: Edgardo Lander und Santiago Castro-Gómez (Hg.): La colonialidad del saber. Eurocentrismo y ciencias sociales ; perspectivas latinoamericanas. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO u.a, S. 201–246.

RAMA, Angel (1982): Transculturación narrativa en América Latina. México: Siglo 21 Ed (Crítica literaria).

RECKWITZ, Andreas (2006): Das hybride Subjekt. Eine Theorie der Subjektkulturen von der bürgerlichen Moderne zur Postmoderne. Weilerswist: Velbrück Wiss.

RETTOVÁ, Alena (2016): Time as Myth. Time as History in Afrophone Novels on Ujamaa (Tanzanian Socialism) and the Second Chimurenga/Umvukela (Zimbabwean Liberation War). In: *Comparative Literature* 68 (4), S. 389–407.

RIGG, Jonathan (2007): An everyday geography of the global south. London, New York: Routledge.

RINCÓN, Carlos (1995): La no simultaneidad de lo simultáneo. Postmodernidad, globalización y culturas en América Latina. 2. ed. Bogotá, Colombia: Ed. Univ. Nacional de Colombia

ROBBINS, J. (2013): Beyond the suffering subject. Toward an anthropology of the good. In: *Journal of the Royal Anthropological Institute* 19 (3), S. 447–462.

ROSA, Hartmut (2005): Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne. Frankfurt a.M.: Suhrkamp.

SCOTT, David (1999): Refashioning futures. Criticism after postcoloniality. Princeton NJ: Princeton Univ. Press  
Scott, David (2004): Conscripts of modernity. The tragedy of colonial enlightenment. Durham NC u.a.: Duke UP  
Scott, David (2014): Omens of adversity. Tragedy, time, memory, justice. Durham: Duke UP.

SHARMA, Sarah (2014): *In the meantime. Temporality and cultural politics.* Durham: Duke UP.

SIMONE, AbdouMaliq (2010): *City life from Jakarta to Dakar. Movements at the crossroads.* New York, NY: Routledge (Global realities).

SIMONE, AbdouMaliq (2004): *For the city yet to come. Changing African life in four cities.* Durham NC u.a.: Duke Univ. Pr.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; Gandarilla Salgado, José Guadalupe (Hg.) (2009): *Una epistemología del sur. La reinención del conocimiento y la emancipación social.* México, D.F.: Siglo XXI Ed (Sociología y política).

SOUTHALL, Roger (Hg.) (2009): *A new scramble for Africa? Imperialism, investment and development.* Scottsville: Univ. of KwaZulu-Natal Press.

TAYLOR, Charles (2004): *Modern social imaginaries.* Durham NC u.a.: Duke Univ. Press

THRIFT, Nigel (2008): *Non-representational theory. Space, politics, affect.* London: Routledge.

TITLESTAD, Michael (2014): *South African end times. Conceiving an apocalyptic imaginary.* In: *Tydskrif vir Letterkunde* 51 (2), S. 52 –70.

VIRILIO, Paul (1984): *L'horizon négatif. Essai de dromoscopie.* Paris: Editions Galilee.

WALLERSTEIN, Immanuel (1974): *The modern world-system.* New York, London, Toronto: Academic press (Studies in social discontinuity).

WEISS, Brad (Hg.) (2004): *Producing African futures. Ritual and reproduction in a neoliberal age.* Conference on "Neo-Liberalism and the Politics of Social Reproduction in Africa". Leiden: Brill (Studies of religion in Africa, 26).

WENZEL, Jennifer (2009): *Bulletproof. After lives of anticolonial prophecy in South Africa and beyond.* Chicago, London: University of Chicago Press.

WEST-PAVLOV, Russell (2013): *Temporalities.* London: Routledge (The new critical idiom).

WEST-PAVLOV, Russell (Hg.) (2014): *Shadows of the past. Visions of the future in African literatures and cultures (Sondernummer Tydskrif vir Letterkunde, 51).*

## EQUIPE EDITORIAL

### **Editoras-chefes**

Beatriz Polivanov (UFF)  
Thaiane Oliveira (UFF)  
Angela Prysthon (UFPE)

### **Editores-executivos**

Fernando Resende (UFF)  
Sebastian Thies (Tübingen)

### **Editores-executivos**

André Bonsanto  
Camilla Quesada Tavares  
Clara Câmara  
Fábio Agra  
Luana Inocêncio  
Lumarya Souza  
Tatiana Lima

### **Revisão**

Ana Luiza Figueiredo  
Jonas Pilz  
Schneider Ferreira Reis de Souza  
Simone Evangelista

### **Tradução / Versão**

Patrícia Matos

### **Projeto gráfico / Diagramação**

Paulo Alan Deslandes Fragoso  
Wanderley Anchieta

### **Equipe de comunicação**

Beatriz Medeiros  
Julia Silveira  
Natalia Dias  
Pollyane Belo  
Rafael Ribeiro

### **Planejamento estratégico**

Melina Meimaridis  
Reynaldo Gonçalves  
Priscila Mana